

EVASÃO DE ALUNOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: O QUE OS LEVAM A DESISTIR?

Eliane Joaquina de Souza Arellano - Universidade Federal do Acre

Isley Honorato da Silva Costa - Universidade Federal do Acre

Maria Evanilde Barbosa Sobrinho – Universidade Federal do Acre

RESUMO

O estudo objetiva identificar os fatores que contribuem para a evasão na Universidade Federal do Acre, precisamente no curso de Pedagogia, turma do ano 2018. A pesquisa se propõe mostrar as dificuldades enfrentadas pelos acadêmicos e as consequências geradas em suas vidas. A partir desse diagnóstico, espera-se que a Instituição desenvolva projetos que favoreçam a permanência dos alunos de forma que minimize os fatores de evasão que são comuns nas IES's. O diálogo com as obras de Paulo Freire (1997), Araújo (2009) e Oliveira (2004) nos traz reflexões sobre essa realidade analisada, bem como artigos e dados da legislação para melhor ajudar a compreender a política da instituição e os fatos apresentados no âmbito do curso. A abordagem é de essência qualitativa, com técnicas de análise documental, observações, curtas entrevistas e gravações com alunos, professores e coordenadores do curso de Pedagogia as questões abertas, as quais foram desenvolvidas. O nosso público alvo foram os acadêmicos do primeiro ao oitavo período, cujas idades estão entre 18 e 27 anos. As justificativas predominantes da evasão apontadas pelos entrevistados foram: dificuldades no acompanhamento dos conteúdos oferecidos, reconciliação de trabalho com as atividades acadêmicas, expectativa diferente em relação ao curso, problemas financeiros e de transporte. Por fim, o artigo faz uma reflexão acerca das possíveis soluções que podem minimizar a evasão acadêmica.

Palavras-chaves: Evasão; dificuldades; alunos.

INTRODUÇÃO

Dentre tantos cursos que enfrentam a problemática da evasão acadêmica, tomamos como exemplo o curso de Pedagogia, composta majoritariamente por mulheres, que iniciou o semestre letivo com 60 alunos e, antes mesmo do fim do semestre, esse número reduziu significativamente. Essa redução tão abrupta de acadêmicos foi o fator que nos propulsionou a realizar esta pesquisa.

Todo início de ano é a mesma coisa. As faculdades superlotadas e alguns cursos até mesmo com todas as vagas preenchidas. É um regozijo muito grande, ver as pessoas ingressando, procurando se desenvolver e ter uma melhor condição de vida, aprender, adquirir mais conhecimento como também uma visão mais alargada e ampla da vida, possuir um título para se destacar na sociedade, aprender a conviver com as diferenças e se tornar mais humano. Tudo isso é adquirido no momento que se ingressa em um curso superior. Todavia, é relevante notar que, a quantidade de alunos que se inicia em um curso superior não é a mesma dos que concluem. Será por quê?

Esse artigo se propõe a analisar especificamente o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre – UFAC - no intuito de apresentar os motivos que levam a desistência, causando assim a evasão. Logo, para isso é necessário investigar quais suas dificuldades para ingressar e permanecer na instituição e as consequências da evasão para os alunos e para a universidade.

A pesquisa levou um mês e três semanas para conseguir tais informações através de pesquisas, observações e entrevistas com alunos cursando, ex-alunos, professores do curso de Pedagogia e coordenadores de Pedagogia.

Nesse sentido, falar sobre esse tema é tão importante quanto reconhecer a necessidade de buscar alternativas para conter tal episódio, uma vez que, se as pessoas não tiverem conhecimento sobre tal assunto, como apoiar os que já cursam a permanecerem, igualmente dá suporte aos que irão ingressar a não desistirem? Para atingir tal objetivo, é fundamental saber o que deve ser feito, as providências a serem tomadas para, então mudar o quadro da evasão.

A UFAC, única universidade pública do Estado do Acre, assume uma responsabilidade relevante de formar pessoas em um curso superior para suprir as necessidades de profissionais atuantes na sociedade e, ainda, oportunizar àqueles que não têm condição de cursar uma graduação a terem uma vida mais adequada seja financeiro, intelectual, profissional ou humano.

Após análise do material coletado para esta pesquisa foi possível concluir que inúmeros são os fatores que colaboram para que esteja havendo uma evasão estudantil no curso de Pedagogia. Entretanto, trataremos aqui apenas daqueles que foram mais citados pela maioria dos entrevistados, haja vista que tais fatores aparecem em todas as falas dos entrevistados. A saber, ENEM e sua nota de corte, falta de vagas, dificuldades no acompanhamento do conteúdo oferecido no curso, dentre outros.

O Enem, é visto como um divisor de águas na vida dos estudantes, assemelhando-se a um ritual de passagem que agrega o status de universitário, garantindo, ao final de sua carreira acadêmica, direitos diferenciados em termos de prestígio social. Entretanto, esse meio para se ingressar em uma instituição vem amedrontando muitos, principalmente os que vêm de escola pública. Para exemplificar esse fato tomamos como exemplo a fala de alguns alunos do curso de Pedagogia do primeiro período de 2018: “Último ano do ensino médio, em qual faculdade vou entrar?”. “Já sei que curso vou fazer,

mas tenho que me preparar para o vestibular”. “Tentei fazer o Enem várias vezes, mas não consigo boa nota no curso que quero”. “Estou em pedagogia e na verdade quero medicina, porém minha nota no Enem não foi suficiente”.

Muitos entrevistados demonstram inquietações, angústias, dúvidas e decepções enfrentadas pelos que vão cursar o ensino superior que não foi selecionado segundo a própria vontade, mas sim a partir de uma nota de corte do ENEM. Já é muito difícil escolher o curso, tendo em vista o medo de fazer a escolha errada. Esse medo pode ser gerado pelo despreparo decorrente das lacunas existentes na Educação Básica. Sabe-se que a grande maioria não teve um ensino de qualidade ou que proporcionasse a fazer um bom vestibular. Por isso alguns se submetem a pagar cursinhos para serem ajudados a se preparar. Se tivéssemos um ensino de qualidade durante o ensino fundamental e médio, será que seria necessário fazer um vestibular? O nosso certificado de conclusão e o que estudamos durante 12 anos não seria o suficiente para ingressarmos em uma universidade?

Atualmente, apenas 7% das universidades são públicas e 73% das instituições isoladas são privadas. Dentre as públicas, a UFAC desde 2012 aderiu ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), não realizando mais o vestibular no formato tradicional. O projeto de lei n.3.627/ 2004 instituiu o Sistema Especial de Reserva de Vagas para estudantes de escolas públicas, negros e indígenas nas instituições públicas federais de educação superior. (BRASIL, 2004). Desse modo, para muitos alunos, o acesso pela política de cotas representa o rompimento das barreiras que impediam ou impedem de ingressar em uma instituição de nível superior.

A aprovação veio a ser julgada somente em 2012 pelo Congresso Nacional, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), como constitucional nas universidades. Conseqüentemente, várias universidades públicas implantaram sistemas de cotas raciais e sociais nos processos seletivos. Nesse sentido a lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais a alunos oriundos do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais das vagas permanecem para ampla concorrência. (BRASIL, 2012).

Conforme Freire (1997), sua construção de reflexão e prática educativa sempre foi referida aos novos sujeitos sociais, políticos, aos movimentos de jovens, de trabalhadores e camponeses dos anos de 1960/ 1970, aos movimentos culturais e de libertação dos povos da África e da América Latina. Seu método de ensino visava educar jovens e adultos sem enfatizar cor e classe social. Nesse sentido, acreditamos que não é necessário cotas quando se capacita, o aluno deve entrar na Universidade através de conhecimentos adquiridos e não pela sua cor e condição financeira.

As cotas proporcionam oportunidades, mas por outro lado discrimina aqueles que entram por ela, pois estes se sentem incapazes, mas optam por ela, por questão econômica e por carência de bons estudos. E os que não usam também são discriminados, como se eles não tivessem o mesmo direito, e

isso vai contra a lei de acordo com Constituição Federal do capítulo 1 no artigo 5º, onde se diz que somos iguais perante a lei e é garantida a igualdade.

Os cursos mais disputados na UFAC em 2017 foram os de Medicina, com 765,37 pontos; Engenharia Civil, com 700,1 e Direito, com 693,6. (BRASIL, UFAC, 2017). Diante disso, percebe-se a dificuldade que passam os que querem ingressar, uma vez que aqueles que vêm de escola pública muitas vezes não conseguem atingir a pontuação. Durante o ensino básico, estudando disciplinas referentes apenas aquela série, tendo como nota mínima 5 pontos. Enquanto a dos cursos das faculdades, é exigido que se tirem pontos acima do que estão acostumados ou até mesmo capacitados em uma única prova, e se não conseguem atingir o requisito da pontuação é eliminado e fica de fora da universidade esperando uma nova chance concorrendo com vários outros.

Há vários motivos que fazem o aluno se sentir desmotivado a completar seus estudos, mas através desse cenário acredita-se que muitos desistem durante o percurso por não conseguirem a nota necessária para o curso elegido. Eles já sabem o que querem, já tem uma identificação com uma área, porém entram em outros cursos porque foi o que a nota deu e, com o passar do tempo desistem, por não ser o que queria. Cada pessoa possui suas individualidades e expectativas em relação aos estudos e ao ambiente acadêmico. Já passam por vários obstáculos e ainda cursar uma área que não se identifica dificulta mais ainda.

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostra que 54.379 mil participantes do Acre se inscreveram para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2017. Rio Branco com maior número de inscritos 34.710. Dentre esses que passaram no exame, apenas 1.815 tiveram a oportunidade de cursarem na Universidade Pública do Estado, já que, esse mesmo número foi a quantidade de vagas disponíveis para o preenchimento dos cursos de graduação na instituição, oferecidas para ingresso no primeiro semestre letivo de 2018. (BRASIL, INEP, 2017).

Desde 2009 o crescimento das matrículas é constante e, nos últimos oito anos, o aumento para a graduação nas federais aumentou 39,3 (G1.globo, 2018). Diante desse cenário, através de uma entrevista com alunos do curso de pedagogia do primeiro ao oitavo período, vários deles comentam a dificuldade para se conseguir uma vaga, poucos conseguem assim que termina o ensino médio, e muitos dos que tiveram êxito, conseguiram a vaga depois da terceira tentativa.

O Enem é apontado pelos alunos como um dos elementos que dificultam o acesso, ao passo que, após o ingresso, os próprios alunos procuram vencer essas dificuldades chamando para si essa responsabilidade. As deficiências de formação do ensino fundamental e médio só são percebidas no decorrer do curso, sendo em muitos casos, motivo de desânimo e desistência. Dificuldades na compreensão de um texto, na escrita, na comunicação e em matérias específicas. Desta forma, muitos citaram a dificuldade em decodificar a linguagem encontrada nos textos acadêmicos, bem como os apresentados na fala de alguns professores visto que, os alunos não estão acostumados a usarem uma

linguagem formal, e sim de fácil compreensão no relacionamento entre eles e com os professores. Nas palavras de José *“Parece que o professor está falando grego, não entendo nada”*, esse relato demonstra a preocupação de um acadêmico em contato com a oralidade de alguns professores. As pessoas que vieram de uma realidade, onde no seu dia-a-dia há carência de uma boa leitura, tendem a ter dificuldade na compreensão das leituras dos textos longos, como é o caso do Raimundo *“Já li esse texto várias vezes e parece que não entra na minha cabeça”*. Os que têm interesse de decifrar fazem anotações para pesquisar o significado, para então ter um melhor entendimento nas próximas aulas.

Esse é um dos relatos mais comuns nas salas de aulas, os professores passam diversos textos e alguns alunos tendem a compreender umas coisas e outras não, com isso não conseguem acompanhar o ritmo da turma, ficando em desvantagem aos demais. No ensino médio, não se tem tanta preocupação com a escrita e com a leitura, se os alunos fizerem os trabalhos já ganham a nota, a média para passar de ano é 5 pontos, então para alguns não faz diferença entre ter uma média de 5 e tirar 10, sendo que com qualquer uma dessas notas já estariam automaticamente aprovados.

Jayson ainda não conseguiu se deparar com a realidade da universidade *“Não entendo porque tirei nota baixa na escrita desse texto, fiz igual aprendi no ensino médio”*, ainda quando calouros não conseguem diferenciar a transição da escrita, essa bagagem de conhecimento que vem com eles é bem recente, leva tempo para se adaptarem. Fernando faz questionamento das exigências de alguns professores, pois não teve um preparo ao ser inserido na universidade, nas suas palavras *“Não sei como fazer isso que o professor está pedindo”*, os professores fazem exigências que não condiz com a realidade de conhecimentos dos alunos recém saídos do ensino básico.

Todos nós passamos por inúmeras situações de imersão em ambientes e contextos desconhecidos no decorrer da nossa vida. Percebemos que a adaptação de comportamento e mentalidade é essencial no ambiente educacional, a linguagem coloquial formal é necessária, e os professores não devem deixar de falar, porém é necessário uma capacitação, cada novo aluno que inicia em uma instituição, seja ele calouro ou mesmo originário de uma outra faculdade precisa-se de uma preparação fornecido pelos próprios professores ao transmitir o conteúdo.

O estudo assim como o trabalho ganhou no mundo contemporâneo muitas significações e foi se constituindo ao longo do tempo como elemento de caráter fundamental para se obter uma estabilidade financeira e futuro melhor, pois como enfatiza Oliveira (2004) *“aqueles que não estudam têm poucas chances de obter e manter, no mercado de trabalho, uma ocupação profissional que lhes dê satisfação e remuneração condigna”* (p.123). O que nos faz perceber que essa afirmação legítima por um lado à perspectiva da educação, que é a garantia de um futuro melhor e o que ela é capaz de realizar na vida do ser humano. A questão de não conseguir conciliar os estudos com o trabalho foi um dos fatores citados pelos entrevistados.

Com a necessidade de uma verba maior para o pagamento dos estudos e até mesmo o sustento da família, estudantes passam a ter ocupação profissional, o que muitas vezes acaba entrando em

conflito com o tempo disponível para se dedicar ao seu sucesso acadêmico. Ter uma formação já não é mais um diferencial, e sim uma exigência básica de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. Estudar é, sim sem dúvidas, um excelente investimento para o futuro, no entanto, nem sempre é prioridade para as pessoas que também precisam trabalhar.

Diante disso, Araújo (2009) corrobora dizendo que “(...) o trabalho parece ter invadido todos os poros da vida, ocupando parte do tempo e das preocupações do trabalhador” (p. 48). Pois, mesmo tentando conciliar trabalho e estudo, enfrentando o tempo e o cansaço do dia-a-dia, os estudantes trabalhadores não conseguem alcançar a dedicação ao estudo necessário ao percurso acadêmico. Quem tem um emprego em período integral ou um estágio precisa dar conta das horas de trabalho e do tempo extra — gasto com deslocamento e atividades que são levadas para casa.

Ter uma rotina organizada, conseguir ter um período livre para fazer atividades da graduação escolhida e evitar o cansaço físico e mental são os principais desafios de quem precisa conciliar uma vida dupla. Devido a intensidade dessa jornada, muitas pessoas acabam desistindo do sonho de ter uma formação superior. Tanto o estudo quanto o trabalho representa para esses estudantes a possibilidade de terem uma vida de qualidade melhor. Estas afirmações nos fazem concordar com Oliveira quando expressa que:

[...] o nível de escolaridade (isto é, a quantidade de anos de estudo que um trabalhador contabiliza na sua vida) influencia diretamente sua remuneração e as suas oportunidades de emprego. Ou, para resumir de uma vez por todas: quem estuda mais tem maiores chances de conseguir um emprego, manter-se trabalhando e ganhar mais. (OLIVEIRA, 2004, p. 125).

Como forma de suprir as necessidades do homem, o trabalho se configurou elemento imprescindível à vida humana, pois, além de inseri-lo no mundo social, entretanto, sua relação com a faculdade muitas vezes se torna um sacrifício, conciliar os dois é uma das dificuldades apontadas que desmotivam os estudantes, eles passam a ter menos desempenho, mesmo que o estudo signifique para eles emancipação e uma melhor perspectiva de vida, o emprego passa a ter um sinônimo de sobrevivência, fato que o nomeia superior ao curso.

Outro fator bastante presente na fala dos entrevistados foi a questão do deslocamento de casa até a Universidade, pois muitos moram em bairros afastados do Campus e, ainda, em municípios vizinhos. Enfrentar horas de deslocamento da residência ou do trabalho até a faculdade também contribui na falta de concentração, na fala do Antônio “Minha maior dificuldade é com a locomoção. Levo uma hora para ir da minha casa a universidade além de gastar mais uma hora na parada de ônibus esperando, já chego na sala de aula cansado e estressado”. Vemos que não só a distancia, mas também a carência de transporte colabora para as dificuldades.

Essa situação é enfrentada tanto pelos estudantes que moram em bairros da cidade como de Municípios vizinhos que vão à universidade todos os dias. Muitas das falas que ouvimos no decorrer do curso que os motivam a desistência: “Estou sem ler os textos porque são muitos para tirar xerox,

não consigo pagar todas”. “Essa semana tive que faltar porque estava sem dinheiro da passagem”. Diante da falta de condição financeira para pagar passagem, se alimentar e manter os custos na universidade, há uma necessidade de oferecer condição financeira para os estudantes se manterem durante o curso.

As universidades federais tiveram em 2017 o menor repasse de verbas em sete anos, segundo dados exclusivos obtidos pelo **G1**. Entre as 63 instituições, 90% operam com perdas reais em comparação a 2013, ou seja, na prática o orçamento para gastos não obrigatórios está menor. Nesse período, o repasse total garantido pelo MEC encolheu 28,5%. (CESAR, 2017). Essa redução de benefícios vai na contramão da Lei Federal de Cotas, de 2014, que obriga as federais a ampliar o número de calouros de escolas públicas e negros, pardos e indígenas (BRASIL, 2004). Na maioria das instituições, os valores das bolsas para esses alunos ou foram mantidos no mesmo valor (alguns, congelados desde 2013), ou tiveram redução (CESAR, 2017).

As desigualdades de oportunidades socioculturais e os múltiplos processos de exclusão e marginalização, o medo aos conflitos sociais, as violências nas comunidades, tudo isso e dentre outros são resultados para os que não conseguem concluir o ensino superior. Os estudantes que abandonam os estudos costumam ter baixa autoestima, se sentem fracassados, o que dificulta as suas relações pessoais e também profissionais. Entrar no mercado de trabalho torna-se mais difícil, além do que a qualidade dos serviços prestados é nivelada por baixo, tal como a remuneração. Tudo isso gera um forte sentimento de desmotivação, a qual acaba por consolidar ainda mais a desigualdade social no Brasil.

Com nível de escolaridade média do brasileiro crescendo constantemente, profissões que antes exigiam somente curso técnico ou ensino básico, passaram a precisar também de um curso superior. Há mais ou menos 20 anos, ter concluído o ensino médio era o patamar máximo que muitos brasileiros iriam alcançar. Hoje a faculdade está ao alcance de boa parte da população. Ter um diploma de graduação e uma boa qualificação ficou ainda mais importante, na iniciativa privada, a exigência de funcionários com diploma de curso superior aumentou, além disso, muitas vagas foram abertas para esses profissionais.

Na sociedade em que vivemos, é praticamente obrigatório ter bons estudos para quem deseja uma melhor vaga no mercado de trabalho, normalmente, as faixas salariais para cada nível de escolaridade alcançam um teto que dificilmente é superado, exceto com a ascensão para outro patamar. Por exemplo, para quem tem apenas o ensino médio, tem uma faixa inferior a quem tem o nível superior, tendo em vista, que no serviço público há vários cargos que exigem diploma universitário, as empresas necessitam cada vez mais de profissionais bem qualificados.

Vale ressaltar que, não apenas os alunos sofrem as consequências de sua própria desistência nos estudos, como a Universidade, uma vez que, a quantia em dinheiro que entra para a manutenção da instituição é baseado no número de alunos. Através de dados tirado do G1.globo, desde 2010, um decreto determina que o Ministério da Educação siga uma planilha específica, junto com as

Universidades, a distribuição de verbas para custeio e investimento. Essa planilha chamada de “matriz Andifes”, é elaborada em diversos parâmetros, dentre eles está o número de matrículas e a quantidade de alunos ingressantes e concluintes na graduação e na pós-graduação; A oferta de cursos de graduação e pós em diferentes áreas do conhecimento e a relação entre o número de alunos e docentes.

O recurso fornecido é previsto no orçamento para gastos com a manutenção, como pagar conta de luz, cortar a grama ou manter o serviço do restaurante universitário. Diante disso, vemos que quanto menos alunos, menos capital, e assim, é provocado a demissão de funcionários terceirizados, a diminuição no valor das bolsas de auxílio estudantil, redução de contratos de vigilância, é impedido a continuação de reformas e obras, abertura de novos curso, compras de equipamentos para os cursos e etc. De acordo com o Ministério da Educação, os investimentos obedecem a critérios baseados com a matriz de gerenciamento de obras, acordada entre o MEC e a Andifes, que atende algumas prioridades como, construção de salas de aula e laboratórios de ensino. (MORENO, 2018).

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Diante de tantas dificuldades apresentadas, começando pelo Enem, que é o método usado para se inserir na Faculdade, a UFAC deveria também usar o vestibular, sendo elaborado de acordo com a realidade de ensino dos alunos. O ensino básico precisa ter uma melhor qualidade, já visando em fazer essa transição do aluno do ensino médio para a universidade, pensando nisso eles teriam uma preparação para o nível superior, assim passariam a ter menos obstáculos enfrentados ao longo de sua jornada.

Em vez de cotas o país deveria fazer mais investimentos no ensino, desta maneira, as oportunidades aumentariam para todos, as cotas já por si faz essa conclusão que o nosso ensino não é de boa qualidade, se fosse ao contrário, não necessitaria delas, as vagas oferecidas atendem uma minoria dos estudantes excluindo assim os que não foram assistidos como deveriam, o número de vagas é muito inferior com a quantidade de inscritos no Enem, se houvesse mais, não teria tantas pessoas de fora da universidade. Vale ressaltar, as várias disciplinas ensinadas em um único período do curso, os que têm uma maior dificuldade de entender acabam se perdendo do restante da turma, com o excesso de informação acaba aumentando a dificuldade de acompanhar.

A Universidade possui um papel importante na contenção da evasão, uma vez que, através da adoção de programas e políticas públicas ela contempla alguns alunos através de bolsas, porém esse tipo de auxílio atendem uma minoria dos acadêmicos, nesse sentido, é necessário haver mais fiscalização nas distribuições, pois os que tem uma condição financeira baixa, muitas vezes não são contemplados, sendo que a falta de recurso é um dos fatos que causa a evasão. Muitos acadêmicos moram em bairros longes ou até mesmo em cidades diferentes da UFAC, esses esperaram por horas os

ônibus, além da falta de recurso dificultando sua ida, seria necessário a implantação do passe livre para todos que estudam e investir mais nas frotas de ônibus facilitando a chegada dos estudantes na instituição.

Diante do exposto, vimos alguns dos motivos do alto índice de evasão no ensino superior, que são conhecidos e comuns na visão dos alunos e dos dirigentes, são diversas dificuldades enfrentadas pelos estudantes as quais culminam no abandono do curso, seus obstáculos já começam antes mesmo de ingressar. Esse desfalque ocasiona perda significativa à receita da Instituição que têm a maioria das turmas repletas no primeiro semestre e a partir do segundo ficam cada vez mais vazias. Já há um grande desafio em conseguir a vaga, mas permanecer depois que consegue é mais difícil.

Observamos que foram muitas as semelhanças entre as repostas dos entrevistados, e como base na pesquisa, podemos constatar alguns resultados em cada dificuldade: Os desafios enfrentados pela nota de corte, fazem com que eles se sintam desmotivados, com baixa estima por não conseguir o curso que queria. A falta de vagas para o curso desejado, deixa como opção optar por um que não se identifica, e em consequência desististe do curso com o passar do tempo. O impasse no acompanhamento do conteúdo oferecido, resulta em um sentimento de impotência, se sentem um nada, como se estudar não serve para eles. Conciliar trabalho e estudo faz que muitos estudantes recorrem aos finais de semana e as vezes as horas da madrugada para se adaptar a vida acadêmica e acaba prejudicando sua dupla jornada.

No que diz respeito ao transporte, notamos que a dificuldade não está apenas no trecho da casa para a universidade, mas também as horas perdidas que muitos enfrentam na espera do ônibus para voltar ao seu lar, isso gera o cansaço e faz com que cheguem sem sede de conhecimento, além do perigo que enfrentam na parada pela falta de iluminação, o que ocasiona com que muitos saem da aula mais cedo. A falta de recurso financeiro para pagar a passagem ocasiona em que muitos tirem o dinheiro de algum compromisso, ou mesmo do lanche. Diante das observações e entrevistas, notamos que mais da maioria dos que ainda estão perseverando não querem desistir, assim como os que desistiram também não queriam, na fala de alguns ex-estudantes, eles dizem que se tivessem opção não teriam largado o curso, mas as dificuldades os forçaram a tomar tal decisão.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos Outras pedagogas**. Petrópoles- RJ editora Vozes. P. 27, 2012.
- ARAÚJO, Silvia Maria e Outros. Sociologia: **um olhar crítico**. São Paulo: Contexto, p. 38, 2009.
- ALVARENGA, Cristiano. **Notas de corte UFAC Veja concorrência de todos os cursos: 2017** Acre: 2017. Disponível em: https://melhoresdoenem.com/sisu/nota-de-corte/notas-de-cortezufac/#Confira_as_maiores_e_menores_notas_de_corte_da_UFAC_no_Sisu: Em 08 de julho 2018.
- BRASIL. **Projeto de lei n.3.627/2004**. Brasília: Poder executivo, câmara dos deputados, 20 de maio 2004
- BRASIL. **lei n° 12.711/2012**. Brasília: Senado Federal, 29 de agosto de 2012

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **RAIO X DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS**, 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa, capítulo 1. Artigo 5º, 1988

CESAR, Luan, **Acre tem mais de 54 mil inscritos no ENEM 2017; Numero é 11% menor do que no ano pasado.** G1 Acre, Rio Branco: 2017. NOTÍCIAS. Disponível em : <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/acre-tem-mais-de-54-mil-inscritos-no-enem-2017-numero-e-11-menor-do-que-no-ano-passado.ghtml> : Em 07 de julho de 2018.

FREIRE, Paulo (1987). **Pedagogia do oprimido.**

MORENO, Ana Carolina. Especial. **G1: Raio-x das universidades Federais: 2018. NOTÍCIAS.** Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/90-das-universidades-federais-tiveram-perda-real-no-orcamento-em-cinco-anos-verba-nacional-encolheu-28.ghtml>: Em 13 de julho de 2018.

OLIVEIRA, Marco Antonio Garcia. **O novo mercado de trabalho.** Guia para iniciantes e sobreviventes. Rio de Janeiro, editora Senac Rio. 2 ed, p. 123 e 125, 2004.